UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ROBSON LUIZ DE SOUZA CRUZ

A LITERATURA, A CULTURA E A IDENTIDADE DO SUDESTE DO PARÁ: FORMAS DE APRENDER E DE ENSINAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARABÁ-PA
2020

ROBSON LUIZ DE SOUZA CRUZ

A LITERATURA, A CULTURA E A IDENTIDADE DO SUDESTE DO PARÁ: FORMAS DE APRENDER E DE ENSINAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação (parcial) apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para qualificação do mestrado.

Orientação: Prof. Dr. Gilson Penalva.

MARABÁ-PA
2020

Dedicatória

AGRADECIMENTOS

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo sugerir ações, estratégias e metodologias de ensino que visem inserir nas aulas de Língua Portuguesa, a literatura local e as contribuições que essas obras e seus respectivos autores podem trazer para a percepção de identidade do povo do sudeste paraense. A ideia é tornar compreensível ao educando da região, a riqueza cultural do seu povo, forjada pela contribuição e incorporação de pessoas oriundas de várias partes do Brasil que através dos ciclos econômicos que aqui surgiram (Castanha, Borracha, Ouro, mineração, pecuária etc.), resolveram fixar residência Nesta parte do Pará e a partir dessa introdução, modificaram os aspectos socioculturais do lugar. Observa-se que esse processo a qual nos referimos, não vem sendo trabalhada de forma efetiva em sala de aula, haja vista que a literatura escolarizada sempre teve como foco principal, a formação do leitor a partir de um padrão de texto literário (clássico), desmerecendo toda uma produção literária e cultural que expressam o jeito de ser e as formas de vida de determinados sujeitos e/ou regiões (Literatura não-canônica). Incumbindo ao professor procurar formas de aproximar o texto literário dessa região amazônica, ao aluno. Visando um ensino mais contextualizado, que desperte o senso crítico e que faça sentido em todo o processo de aprendizagem.

Palavras-chaves: Literatura; Cultura; Identidade; Sudeste paraense; ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present work aims to suggest actions, strategies and teaching methodologies that aim to insert in the Portuguese Language classes, the local literature and the contributions that these works and their respective authors can bring to the perception of identity of the people of the southeastern Pará. The idea is to make the cultural wealth of its people understandable to the region's students, forged by the contribution and incorporation of people from different parts of Brazil who, through the economic cycles that have emerged here (Chestnut, Rubber, Gold, mining, livestock, etc.)), decided to take up residence in this part of Pará and after that introduction, they changed the socio-cultural aspects of the place. It is observed that this process to which we refer, has not been worked effectively in the classroom, given that school literature has always had as its main focus, the formation of the reader from a literary (classic) text pattern , neglecting a whole literary and cultural production that express the way of being and the ways of life of certain subjects and / or regions (non-canonical literature). It is up to the teacher to look for ways to bring the literary text of this Amazon region closer to the student. Aiming at a more contextualized teaching, that awakens the critical sense and that makes sense in the whole learning process.

Keywords: Literature; Culture; Identity; Southeast of Pará; teaching-learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6

2 O CONCEITO DE CULTURA E IDENTIDADE 9

2.1 A invenção do conceito científico de cultura 10

3 HISTÓRIAS, CULTURAS E IDENTIDADES NO SUDESTE DO PARÁ 18

4 O ENSINO DA LITERATURA REGIONAL: QUESTÕES CULTURAIS, IDENTITÁRIAS E METODOLÓGICAS 22

4.2 O que é Literatura? 25
4.3 A importância da literatura local/Glocal 28
4.4 Ensino-Aprendizagem de Literatura 30

5 A RELEVÂNCIA DO LETRAMENTO CULTURAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM LITERATURA 34

5.1 Letramento cultural como Prática Social 37

6 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A APLICAÇÃO PRÁTICA DE OBRAS DA LITERATURA REGIONAL NAS AULAS DE LITERATURA 41

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 51

REFERÊNCIAS 53

ANEXOS 55

Anexo 1 56

Anexo 2 – Violência na região 57

Anexo 3 – Devastação da Florestas 57

Anexo 4 – Brigas por Terras 58

Anexo 5 – O Povo Suruí 59

Anexo 6 - Ouriço de Castanha do Brasil 61

Anexo 7- Férias sem retorno 61

Anexo 8 - Biblioteca Municipal 62

Anexo 9 - Casa da Cultura 62

1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação de Mestrado traz um estudo acerca da relevância do estudo da cultura e da identidade do Sudeste do Pará, a partir do uso de obras produzidas pelos seus autores locais. Durante o desenvolvimento do texto produzido nesse trabalho é mencionada a relevância do estudo de autores que representam a cultura local como forma de promover o desenvolvimento dos alunos por meio da leitura.

Entende-se que, consequentemente, a produção de conhecimento cultural na sociedade no qual esses alunos estão inseridos será supervalorizada e benéfica, pois é a partir do letramento cultural que esses alunos entram em contato com as suas origens. O processo de letramento trabalha com afinco a autossuficiência dos alunos no processo de ler e escrever.

O conhecimento cultural, desenvolvido nas aulas de literatura e língua portuguesa faz com que os alunos observem a arte e o belo no qual fazem parte, de maneira a permitir que eles tenham acesso às produções e obras que são ensinadas nas escolas. Dessa forma, a justificativa plausível para a realização dessa dissertação é o fato de que existe a necessidade de os profissionais da educação inserir as obras dos escritores locais nas aulas de língua portuguesa/literatura como forma de promover o conhecimento cultural local.

Como será apresentado ao longo do texto, ainda é possível identificar alunos que não se interessam pelas aulas de língua portuguesa/literatura por entender que os conteúdos ali ensinados são maçantes, densos e por não haver utilidade no futuro. Com isso, a implementação de um conteúdo literário criado a partir do uso de obras de escritores locais, onde são mencionadas as riquezas e nuances da região onde esses alunos estão inseridos poderá despertar neles o interesse pela leitura e, consequentemente o aprendizado que os alunos poderão cultivar ao longo da vida. Isso acontece pelo fato de que o conteúdo ensinado está relacionado com a realidade desses alunos.

É claro que todo o conteúdo disponibilizado e ensinado nas aulas de língua portuguesa/literatura deve continuar a ser ensinado, mas introduzir um material didático que apresente a cultura local aos alunos poderá ser uma

forma de fortalecer o interesse desses alunos pelas aulas. Com base nisso, procura-se entender a seguinte questão-problema: Como o ensino da cultura e identidade do Sudeste do Pará poderá despertar nos alunos um interesse maior pelas aulas de língua portuguesa/literatura?

O objetivo geral dessa dissertação de Mestrado é o de promover o ensino sobre a cultura e a identidade do Sudeste do Pará como forma de intensificar o processo de aprendizagem cultural dos alunos nas aulas de língua portuguesa/literatura. Pretende-se, de forma específica: Identificar o conceito de cultura e identidade; Apresentar a manifestação de histórias, culturas e identidades no Sudeste do Pará; Mencionar a relevância do ensino da literatura regional, suas questões culturais, identitárias e metodológicas; Compreender, por meio da aplicação prática, sobre como as obras produzidas pelos escritores regionais são inseridas nas aulas de literatura e quais são os seus efeitos.

A escolha do tema deve-se ao fato de alguns alunos ainda não compreenderem a relevância da aprendizagem de língua portuguesa/literatura como fonte de conhecimento capaz de promover a autossuficiência no processo de escrita e entendimento cultural acerca da região no qual estão inseridos. Leva em conta ainda o fato de que as obras regionais de autores diversos precisa ser mais bem divulgada e introduzida nas escolas a fim de promover um processo de letramento cultural de qualidade.

O tema é relevante para a comunidade acadêmica, pois permite aos estudantes compreender sobre a relevância da introdução de recursos voltados para a valorização cultural somada ao conteúdo comumente ensinados nas séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio. É relevante para a comunidade, pois apresenta a valorização cultural como meio de conhecimento acerca da manifestação das artes e do belo criadas para a apreciação pública, permitindo assim que o acesso seja permitido à população e esses tenham acesso às obras regionais.

A metodologia utilizada para a criação dessa dissertação é a pesquisa descritiva de critério bibliográfico, conforme orienta Gil (2010), por meio de obras e autores que abordam o tema em questão. Foi realizada uma pesquisa documental, sendo esse modelo de estudo aquele que se realiza através de pesquisas e registros. Para Severino (2007):

> Registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Tendo em vista os conceitos que serão apresentados, o presente trabalho apoiou-se em pesquisas documentais, discussões e análise da literatura já publicada em forma de revistas, textos, artigos e livros. A revisão da literatura realizada para esse estudo utilizou as bases de dados: Scielo e Google Acadêmico, sendo escolhidas por serem consideradas bases de dados virtuais de referência para publicações de teses, artigos, dissertações e pesquisas, conforme orienta Gil (2010).

Nesta busca, foram envolvidos os estudos que estivessem publicados em periódicos, revistas especializadas ou indexados nas referidas bases de dados, sendo excluídos documentos que apresentassem duplicidade entre as bases, cujo tema não analisasse o objetivo da pesquisa. Foram pesquisadas as seguintes palavras-chave: Literatura; Cultura; Identidade; Sudeste paraense; ensino-aprendizagem.

Como forma de compreender a abordagem do tema em sua prática, foi realizado um estudo de caso onde é apresentada a forma como os professores inserem a literatura produzida por escritores da região sudeste do Pará nas atividades de leitura e escrita de uma turma de ensino fundamental II (8° ano), da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jonathas Pontes Athia. Esse estudo apresenta os recursos com o qual os professores atuam com o processo de letramento cultural e abordagem da identidade com o qual os alunos estão inseridos.

2 O CONCEITO DE CULTURA E IDENTIDADE

O termo cultura abarca diversas opiniões de diferentes autores e de certa forma está atrelada à construção da identidade de cada indivíduo. Não há como dizer que o indivíduo nasce pronto com a sua concepção de mundo e personalidade construída, pelo contrário: a vivência em sociedade é que molda e lapida a identidade humana.

Percebe-se, que conceitos envolvendo o termo cultura, são inúmeros com diferentes opiniões de autores que estudam sobre o tema. A cultura é entendida enquanto as manifestações humanas que caracterizam e diferenciam cada povo, que vai se modificando e sendo reconstruída a cada tempo.

Pereira (2012) entende que, sendo entendida pelos antropólogos enquanto um conjunto de fatores, dentro de uma diversidade de componentes culturais que fazem parte da existência humana, visto que, só o ser humano tem a capacidade de criar, desenvolver e utilizar de maneira racional tudo o que abarca o sentido de cultura.

Assim, não há como restringir o conceito de cultura apenas a um fator isolado, ou afirmar que apenas um conceito apresentado soluciona todas as questões antropológicas que perpassam esse tema. É perceptível, que o conceito de cultura sofre transformações seguindo as diversas opiniões, sendo reconstruído a cada período.

Em suma, podemos dizer que Cultura são as formas de organização de um grupo de indivíduos que compactuam de ideais similares, seus costumes e crenças são reproduzidas e passadas ao longo de suas gerações. Todas essas vivencias e hábitos em comum construídos por meio da vivência, são responsáveis pela construção da identidade de um povo.

O uso da palavra ‘cultura’ entre os franceses é decisivo para a formação do conceito utilizado hoje pela sociologia e antropologia. Posteriormente se difundiria por empréstimo linguístico (para inglês e alemão). Reaparece em fins do século XIII, vinda do latim, cultura significa o cuidado dispensado ao campo ou ao gado, isto é, o cultivo da terra ou o pastoreio.

O conceito figurado começa a se impor e acaba por entrar no dicionário da academia Francesa (1718), considerado como período de formação do sentido moderno do termo. Os iluministas concebem a cultura como um caráter distintivo da espécie humana, sendo a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade considerada como totalidade ao longo de sua história.

Na França no século XVIII, a noção de cultura vai se aproximar da noção de civilização, uma vez que essa parte de uma hierarquia entre alguns povos que estão avançados considerados civilizados e os outros não civilizados ou selvagens. Entre os alemães, a noção de cultura vai se desenvolver em oposição à noção de civilização. Tudo que é autêntico e que contribui para o refinamento intelectual e espiritual é vindo da cultura, enquanto as aparências e o refinamento superficial pertencem à civilização.

A intelectualidade alemã vai tomar partido pela diversidade das culturas e a riqueza da humanidade contra o universalismo uniformizante do iluminismo. Para o filósofo alemão Johann Gottfried Herder, cada povo pela sua cultura própria exprime um aspecto da humanidade. Por isso foi considerado o precursor do conceito relativista de cultura colocando-a no plural. A ideia alemã de cultura evolui então pouco no século XIX, sob a influência do nacionalismo e se liga cada vez mais ao conceito de nação (LARAIA, 2009).

A cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade. Sobre influência alemã a noção de cultura dos franceses foi ampliada passando a designar um conjunto de características próprias de uma comunidade, mas ainda com a ideia universalista de unidade do gênero humano.

No início do século XIX o termo alemão *Kultur* e a noção francesa de *civilization* foram sintetizados por Edward Tylor (1832 – 1917) no vocábulo inglês *culture* definindo como: todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LIMA, 2015). Este conceito antropológico é utilizado até hoje e tem um conteúdo puramente descritivo, afastando-se de dizer o que é a cultura e atendo-se a descrever o que ela é tal como parece nas sociedades humanas caracterizando sua dimensão coletiva.

2.1 A invenção do conceito científico de cultura

A Sociologia e a Etnologia nascem pelo desejo de se empregar um procedimento científico para estudar homem e sociedade sob uma ótica diferente da biológica. O maior desafio de ambas as ciências é pensar a diversidade humana na unidade social.

Etnólogos seguem dois caminhos: um pautado na teoria evolucionista e outro baseado no que virá a ser considerado conceito primário de cultura. Porém, trata-se simplesmente de uma descrição de como a cultura é nas sociedades. Para Taylor (concepção universalista de cultura), a cultura é uma expressão da totalidade do homem como ser social. É adquirida, ou seja, não possui interferência biológica ou hereditária e, ocorre de forma coletiva sendo em grande parte de origem inconscientes.

Ele considera ser inevitável a comparação entre culturas singulares, pois estas estavam ligadas a um movimento de evolução cultural. Considerava ainda que todos os povos tinham cultura e eram contribuintes para o seu progresso. Segundo Lima (2015), os grupos humanos se diferenciam por sua cultura e não por sua raça.

Outra ideia combatida por Lima (2015) era a de que os traços físicos eram relevantes e até determinantes para as características mentais, empregando aí o conceito de cultura para explicar a diversidade humana. Para ele, primitivos e civilizados não se diferenciam biologicamente. O autor buscava o estudo das “culturas”, considerando que, para conhecer a fundo uma cultura em particular há de se observar diretamente a necessidade do convívio direto, por longos períodos, para observar *in loco* a vida da sociedade ou povo cuja cultura está sendo estudada.

Mateus & Duarte (2016) afirma que para se estudar uma cultura é recomendável abordá-la sem conceitos pré-concebidos e sem comparações prematuras com outras culturas, pois para ele cada cultura é única, representando um todo singular e que os costumes de um povo devem ser contextualizados para serem compreendidos. Toda cultura é representada por um estilo próprio, que influência seus indivíduos e esses por sua vez influenciam a própria cultura. Esse era o pensamento concebido pelo relativismo cultural.

2.2 O triunfo do conceito de Cultura

Laraia (2009) entende que, para se chegar à “área cultura”, é necessário descobrir os “traços culturais”, pois com eles se formam uma sociedade. E para ele isto funciona bem em povos indígenas, já que as fronteiras são bem nítidas. Já em outros locais, a cultura pode ficar mais difícil de ser reconhecida em seus pequenos detalhes, pois só de maneira mais aproximada a região que se queira estudar é que se obterá os traços daquela sociedade.

Como antropólogo, Mollica (2007), propõe que a cultura de um povo não deve ser estudada pelas vias orais, nem ser buscada em seu passado e muito menos visando como será o futuro – subjetividade – mas, pela observação presente do pesquisador, pois o presente lhe trará a real situação da sociedade em estudo. E não se deve estudar traços separados da cultura, pois em cada meio, esses traços são correlacionados.

E como cultura, o ser humano monta uma sociedade conforme suas necessidades básicas para a sobrevivência e, com a junção de cada indivíduo em um mesmo local, se cria uma cultura com traços similares. Esses traços compõem as “instituições” – políticas, econômicas, educativas, sendo por meio dessas instituições que o antropólogo consegue estudar uma sociedade.

Para Lima (2015), os “tipos culturais” se dão de forma a priori, ou seja, antes de um conhecimento. Para isso, ela lança o “arco cultural”, que seria um leque de opções onde se encontra um imenso, porém limitado número de “possibilidades culturais em todos os âmbitos” em que se pode escolher apenas um para seguir e, dentro desde arco, existe o “Pattern”, que é como uma cultura se caracteriza, ou seja, o padrão, modelo ou estilo daquela cultura.

Equivaleria a traços culturais ‘combinados’, de maneira coerente para servir de modelo de vida, socialização etc., sendo assim que uma sociedade se ‘molda’ ou melhor, que um indivíduo se forma. Para Mollica (2007), tudo depende da criação do indivíduo, pois o meio que ele vive tem grande influência no seu modo de agir. Há exceções, mas em sua grande maioria, este processo consegue ‘moldar’ o cidadão da forma que sua sociedade quer.

Além disso a questão biológica – masculino ou feminino – não altera em nada na hora de aprender, pois como disse: “Deste modo, a personalidade individual não se explica por seus caracteres biológicos, mas pelo modelo cultural particular a uma dada sociedade de que determina a educação da criança”.

Lévi-Strauss: pegou como referência os estudos de Benedict para usar em suas pesquisas. E seu grande diferencial foi: achar os materiais culturais que existem em povos diferentes que são imutáveis – não mudam. Pois, “está na natureza do homem a necessidade de viver em sociedade – a priori – mas a organização da vida social depende da cultura e implica a elaboração de regras sociais.”

Por outro lado, Robert Lynd se dedicou em reconhecer a diversidade cultural nos EUA e, com muito esforço e trabalho, chegou ao conceito de “subcultura” – tal termo não significa que há culturas melhores que as outras, mas este termo refere-se as culturas “secundárias” – se assim podemos dizer – que existem dentro da cultura “primária”. Os sociólogos usam este termo para diferenciar o que seriam as classes sociais e os grupos étnicos em uma cultura. Além disso, existe o conceito de “contracultura”, que seria uma forma de ir contra um estilo de cultura que está “imposta” na sociedade – indivíduos que se opõe a essa com ou sem movimentos sociais visíveis (LIMA, 2015).

A subcultura ajuda no processo de socialização do indivíduo, pois seria uma forma de adestrar o indivíduo, acondicionando-o a um comportamento, que seria o modelo que determinada sociedade espera que ele siga, isso ocorre até a adolescência. A subcultura vem justamente para mudar radicalmente com esse modelo e dar autonomia ao ser. E para o modelo de socialização, aqueles que não se adequam ao sistema social, acabam indo para a delinquência.

2.3 O estudo das relações entre cultura e a renovação do conceito de cultura

A aculturação pode ser definida como o conjunto de fenômenos que resultam de um contado contínuo e direto entre grupos de pessoas e culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos culturais de um ou dos dois, chamado de “mudança cultural”. Na aculturação é preciso levar em conta tanto o grupo que dá, quanto o grupo que recebe e com isso descobrimos que não há cultura unicamente “doadora” nem cultura unicamente “receptora” (MOLLICA, 2007).

As pesquisas sobre o processo de aculturação renovaram profundamente a concepção que os pesquisadores tinham da cultura. Nenhuma cultura existe em um ‘estado puro’ sem ter jamais sofrido a mínima influência externa. O

processo de aculturação é um fenômeno universal. Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução.

O etnocídio, por outro lado, é um termo que parece recentemente e significa: a destruição sistemática da cultura de um grupo, ou seja, a eliminação por todos os meios, não somente de seus modos de vida, mas também de seus modos de pensamentos. É uma “deculturação” deliberada e programada. Toda mudança cultural produz efeitos secundários não previstos, ou seja, que não podem ser evitados.

2.3.1 O papel da cultura na formação da identidade dos indivíduos

A cultura é responsável por definir e diferenciar um grupo de indivíduos que compactuam com os mesmos costumes e manifestações linguísticas de hábitos. O indivíduo se constrói baseado nas suas experiências e convivência, de maneira que é possível compreender que a cultura é um fator determinante na construção da identidade humana.

Essa identidade é percebida em cada cultura, a sua diferenciação se dá por esse motivo. Cada povo tem sua identidade, seus meios e métodos de trabalhar, conviver, agir e essa interação entre cada povo, os torna únicos e diferentes dos demais.

Dessa forma, é válido afirmar que os conceitos referentes à cultura são pressupostos socialmente construídos, pois, a cada grupo social existem características similares que os diferenciam dos demais grupos. Com isso, entender o conceito de cultura é essencial para que se compreenda os diferentes grupos e, consecutivamente, diferentes culturas responsáveis por construir a identidade humana (LIMA, 2015).

2.4 Cultura e Identidade

Não se pode confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. A cultura pode existir sem consciência de identidade. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (CÂNDIDO, 2006).

Identidade Cultural - 1° concepção: praticamente imutável e determinando a conduta dos indivíduos. - 2° concepção: dinâmica, independente do contexto

relacional. A questão da identidade cultural remete à questão da identidade social, da qual ela é um dos seus componentes. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social, ela permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo e o distingue dos outros grupos.

As concepções objetivistas e subjetivistas da identidade cultural: Há uma estreita relação entre a concepção que se faz de cultura e a concepção que se tem de identidade cultural. A origem, as “raízes”, seriam o fundamento de toda identidade cultural, isto é, aquilo que definiria o indivíduo de forma autêntica.

A identidade seria preexistente ao indivíduo que não teria alternativa senão aderir a ela, sob o risco de tornar-se um marginal, um “desenraizado”. Vista desta maneira, a identidade é uma essência impossibilitada de evoluir e sobre a qual o indivíduo ou grupo não tem nenhuma influência.

A problemática da origem aplicada à identidade cultural pode levar a uma racionalização dos indivíduos, e dos grupos, pois para algumas teses radicais, a identidade está praticamente inscrita no patrimônio genético. A identidade repousa então em um sentimento de “fazer parte” de certa forma inato. Em uma abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não mais considerada determinante, mas, na herança cultural, ligada à socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural.

Outras teorias de identidade cultural, chamada de “primordialistas”, consideram que a identidade etno-cultural é primordial porque a vinculação ao grupo étnico é a primeira e a mais fundamental de todas as vinculações sociais. O que unem essas teorias é uma mesma concepção objetivista da identidade cultural (LIMA, 2015).

Trata-se da definição e descrição da identidade a partir de um certo número de critérios determinantes, considerados como “objetivos”, como a origem comum, a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva, o vínculo com o território etc. Sem esses critérios, para os objetivistas, não se pode reivindicar uma identidade cultural autêntica.

Estas definições são muito criticadas pelos que defendem uma concepção subjetivistas do fenômeno de identidade. A identidade cultural não é uma identidade recebida definitivamente. Encarar o fenômeno desta forma é

considerá-lo como estático, que remete a uma coletividade definida de maneira invariável.

O importante então são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões uma vez que a identidade etno-cultural não é nada além de um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau. Mas esse ponto de vista levado ao extremo reduz a identidade a uma questão de escolha individual arbitrária, em que cada um seria livre para escolher suas identificações.

2.4.1 A concepção relacional e situacional

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Deve-se esta concepção de identidade como manifestação relacional, tentando entender o fenômeno de identidade através da ordem das relações entre grupos sociais, onde a identidade é um modo de organização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas (MOLLICA, 2007).

Considera-se que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe àquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não pode evoluir. Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si.

A identidade existe sempre em relação a outra. A identidade acompanha a diferenciação. A identificação pode funcionar como afirmação ou como imposição de identidade e essa é sempre uma concessão, entre uma “autoidentidade” definida por si mesmo e uma “hétero-identidade” ou uma “exo-identidade” definida pelos outros.

A autoidentidade terá maior ou menor legitimidade que a hétero-identidade, dependendo da situação relacional, isto é, em particular da relação de forças entre os grupos de contato. Em uma situação dominante caracterizada, a hetero-identidade se traduz pela estigmatização dos grupos minoritários, neste caso chamamos de uma “identidade negativa” (CÂNDIDO, 2006).

A identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais. Nem todo os grupos têm o mesmo “poder de identificação” pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relações que liga os grupos. Nem todos tem o poder de nomear e de se nomear. O conjunto das definições de identidade

funciona como um sistema de classificação que fixa as respectivas posições de cada grupo. O poder de classificar leva à “etnicização” dos grupos subalternos.

O Estado tornou-se o gerente da identidade para a qual ele instaura regulamentos e controle. Esse tende à mono-identidade, seja por reconhecer apenas uma identidade cultural para definir uma identidade nacional, seja por uma definir uma identidade de referência, a única verdadeiramente legitima, apesar de admitir o pluralismo cultural no interior de sua nação.

A ideologia nacionalista é uma ideologia de exclusão das diferenças culturais. Sua lógica radical é a da “purificação étnica”. A identidade coletiva é apresentada no singular.

2.4.2 A identidade multidimensional

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Considerar a identidade como monolítica faz com que a compreensão dos fenômenos de identidade mista que são frequentes em toda sociedade seja interrompida.

O indivíduo, que faz parte de várias culturas, fabrica sua própria identidade fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é, então, uma identidade sincrética e não dupla, se entendermos por isso uma adição de duas identidades para uma só pessoa. O recurso da “dupla identidade” está ligado às lutas de classificação. Mas, apesar de ser multidimensional, a identidade não perde sua unidade (MATEUS; DUARTE, 2016).

2.4.3 As estratégias de identidade

A identidade é tão difícil de delimitar e de se definir, precisamente em razão de seu caráter multidimensional e dinâmico. Nesta perspectiva, a identidade é vista como um meio de atingir um objetivo. Logo, a identidade não é absoluta, mas relativa.

O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. As estratégias devem necessariamente levar em conta a situação social, a relação de forças entre grupos, as manobras dos outros etc. (LIBÂNEO, 2014).

A identidade é sempre a resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou individuo afirmar por si mesmo. Um tipo extremo de estratégia de identificação consiste em ocultar a identidade pretendida para escapar a discriminação, ao exílio ou até ao massacre.

Pereira (2012) compreende que, a identidade não existe em si mesma, independentemente das estratégias de afirmação dos atores sociais que são ao mesmo tempo o produto e o suporte das lutas sociais e políticas. O caráter estratégico da identidade não implica necessariamente uma perfeita consciência dos objetivos buscados pelos indivíduos.

De uma maneira geral, o conceito de estratégia pode explicar as variações de identidade, que poderiam ser chamadas de deslocamentos de identidade. Ele faz aparecer a relatividade dos fenômenos de identificação.

2.4.4 As fronteiras da identidade

Toda identificação é ao mesmo tempo uma diferenciação. No processo de identificação o principal é a vontade de marcar os limites entre “eles” e “nós” e logo, de estabelecer e manter o que chamamos de “fronteira”. O que separa dois grupos etno-culturais não é em princípio a diferença cultural, o que cria separação, a “fronteira” é a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de identificação específica (PEREIRA, 2012).

3 HISTÓRIAS, CULTURAS E IDENTIDADES NO SUDESTE DO PARÁ

A literatura, como modo de ensino é vasta e, tem como objetivo principal a capacitação cognitiva do indivíduo. É por meio dela que se amplia a noção de cultura. Nesse processo de aquisição da cultura, Laraia (2009, p.67) ao citar os pensamentos de Ruth Benedict, demonstra-nos a visão do homem perante o conceito de cultura como uma lente através da qual vê o mundo. “Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”.

Dessa forma, todo momento histórico interfere na construção de uma obra literária. A visão de mundo muda de um período para outro e cabe ao leitor ter noção e maturidade para que possa ter plena eficácia na sua leitura. Construir sentidos de uma obra que foi criada em um momento histórico anterior, requer do leitor uma interação de sentidos entre o ontem e o hoje (passado e presente), numa miscelânea de valores sociais e culturais.

Portanto, essas obras falam um pouco do que fomos, do que somos e do que seremos. Essas construções narrativas incorporam e alternam o sujeito como autor, ora como personagem e ora como leitor. São produzidas levando em conta o momento e a visão de mundo do sujeito e como ele o encara.

Por isso um texto é produzido em consonância com o momento histórico a que está vinculado, exercendo influência significativa na sua concepção, pois as informações e momentos do período interferem na construção e sentidos do texto, pois o mundo que se vê acaba enraizado na obra. A leitura não é diferente, pois necessita para sua compreensão completa, um conhecimento e um leque grande de informações daquele período em que foi concebida (SILVA, 2018).

Assim surge a necessidade de criarmos nos alunos do ensino fundamental, o hábito da leitura de livros de autores locais que possam contribuir de maneira significativa para aproximá-los ainda mais da sua história, no caso, o Sudeste do Pará, forjado pela contribuição de pessoas oriundas de todos os cantos do Brasil e que aqui resolveram fixar residência em busca de progresso para suas vidas.

Tentar compreender como se deu a diversidade cultural da região amazônica requer um aprofundamento didático das obras locais, que possibilitaram ampliar a noção de identidade e diversidade que tanto é cobrada pela LDB (Lei n. 9394/96). Em seu artigo 1^0 são mencionados os princípios que norteiam a educação e estimulam a criação de novas alternativas para o processo educativo, valorizando a experiência extraescolar que aproxime o estudante da realidade por ele vivenciada.

Mais do que uma nova proposta educativa, a intenção é que o aluno, conhecendo suas origens, torne-se um ser mais consciente, reflexivo e participativo, desarmando-se de qualquer tipo de preconceito estabelecido, além de possibilitar o resgate e valorização dos autores da região em que muito tem para contribuir com seus escritos.

Como professor de Língua Portuguesa desde 2003, pude trabalhar em várias escolas da Rede pública de Marabá, com turmas do Ensino Fundamental (6^0 ao 9^0) e percebi que a proposta pedagógica dessas escolas não contemplavam a literatura da nossa região amazônica – sequer haviam referências aos autores regionais, nem tampouco para consulta nas bibliotecas existiam.

A escola sempre priorizou obras e escritores de renomes no Brasil e no mundo, além dos clássicos universais, menosprezando um importante legado que possibilitaria aos jovens, vivenciar através dos textos literários, períodos marcantes como o ciclo da Borracha, a época dos castanhais, das pedras preciosas e dos garimpos, além de poderem aprofundar seus conhecimentos sobre suas raízes e de como se originou a identidade do povo do sudeste do Pará (MATTOS, 1996).

Diante disso, o anseio de incorporar dentro do cenário escolar, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, livros de autores da região como as obras de Brasil Monteiro, Maria Virginia Bastos de Matos, Ademir

Braz, Rildo Brasil, Charles Trocate, Airton Souza entre outros se tornou cada vez mais necessária.

Esses autores ao longo de suas trajetórias literárias dedicaram-se em abordar a história da formação do povo do sudeste paraense, em seus diversos segmentos e aspectos, não só ampliando o conhecimento de quem pode desfrutar de seus escritos sobre esta vasta região paraense, mas também sobre a formação do município de Marabá, que há muito é considerada como umas das cidades mais imponentes da Amazônia, lugar forjada pelas mãos de muitos trabalhadores oriundos de várias regiões do Brasil e palco de muitas narrativas que merecem ser disseminadas em nossas escolas.

Os alunos aprendem acerca da importância de um rio para a sobrevivência e engrandecimento de um lugar e como é vital conservá-lo, por exemplo. Aprendem sobre como a floresta é rica em biodiversidade e dela é possível extrair as mais diversas riquezas naturais de maneira consciente e sustentável, tendo a consciência de preservar tanto flora e fauna para as gerações futuras. É ensinado sobre como um imigrante é importante para a cultura e economia local, misturando a sua cultura à já existente (MOLLICA, 2007).

As narrativas que exaltam a nossa formação têm um diferencial interessante na sua construção, que é a de descrever os feitos de pessoas comuns que muito contribuíram para elevar a região ao status de mais promissora da Amazônia. No prefácio de seu livro sobre a história de Marabá, Mattos (1996) destaca essa importância dos heróis anônimos:

> A História de Marabá é a história de nossos pais e avós. É a história do mais humilde castanheiro. Do pescador, do carregador do cais, da mulher que colhe arroz ou quebra coco babaçu, do lavrador que luta na terra, do garimpeiro, do comerciante, da lavadeira da beira do Tocantins [...] o que nós queremos é que, ao ler estas páginas, cada um sinta bem presente a vida de sua família, de seus vizinhos, de tantos que vieram em busca de terra, de trabalho, de estudo para os filhos: a vida do povo de Marabá, suas lutas, suas vitorias. (MATTOS, 1996, p. 9/10)

No entanto, isso só será possível se começarmos a incutir no educando essa noção de pertencimento para que venha se tornar um ser mais consciente de suas raízes e de como foi originado o lugar em que vive. É necessário ainda compreender por que seus antepassados escolheram este lugar como

moradia, respostas estas que serão encontradas nas leituras literárias locais, que os aproximarão tanto do passado, de maneira a entender o presente.

4 O ENSINO DA LITERATURA REGIONAL: QUESTÕES CULTURAIS, IDENTITÁRIAS E METODOLÓGICAS

O ensino de literatura permite a abordagem de conteúdos diversos a partir de muitos olhares. Em cada vertente existe um ensinamento, uma abordagem cultural de um povo, de uma época, de um lugar. Esses fatores permitem que o ensino dessa disciplina aconteça de maneira a preparar os alunos para o conhecimento acerca dessas vertentes e de forma a desenvolver o seu nível de entendimento cultural (LARAIA, 2009).

No entanto, para que o ensino de literatura possa ocorrer de maneira eficaz, é preciso que a escola trabalhe a forma como o ensino dessa disciplina ocorre. Isso deve acontecer de maneira a não ensinar apenas a racionalidade do saber cientifico que se baseia na busca por resultados que acabam homogeneizando os sujeitos, como também se desapegar dos resultados que geralmente são crivados pela sistematização do ensino, ou seja, do saber “ler” e “escrever” dos alunos. É preciso formar cidadãos-leitores críticos e perceptivos da sociedade em que estão inseridos, além de bons conhecedores da cultura, especialmente aquela que representa suas origens.

A leitura sempre esteve associada à aquisição do conhecimento e a escola sempre foi a principal responsável por incutir no jovem em processo de formação, esses preceitos. Tudo começa a partir das obras literárias disponíveis dentro desta instituição de ensino, possibilitando-lhes um olhar diferenciado em relação ao seu papel dentro da sociedade, respeitando e valorizando as diferenças culturais e povos existentes, conforme concretiza os parâmetros curriculares nacionais (PCNs).

> [...] A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça, equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social. (Brasil, 1998, p. 129).

Através da leitura de obras que tratam de temas relevantes, é possível ampliar a noção de mundo dos aprendizes e torná-los seres mais conscientes de sua participação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, desarmando-os de qualquer tipo de preconceito estabelecido ao longo do tempo por questões históricas, culturais e sociais; por ser tratarem de jovens em desenvolvimento e que necessitam de uma autoafirmação para moldar sua identidade.

O texto literário deve ser visto com maior amplitude e não servir apenas como um modelo pré-concebido de saber. O texto é contexto, portanto deve fazer parte integrante da realidade social do aluno. É onde a criança tem a oportunidade, muitas vezes única, de se deparar com a grande diversidade de obras referentes a sua cultura e a partir da leitura destas moldar uma nova visão do mundo que o cerca, despertando-lhe a noção de pertencimento.

Atualmente o que vemos é uma literatura em declínio no seu modo de ensino/aprendizagem, não despertando o interesse devido e se tornando fatigada por não contemplar a amplitude do saber literário. Cosson (2018) faz essa afirmação em sua obra.

> O certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudista do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada. (COSSON, 2018, p. 23)

Compete ao professor, como intermediador do conhecimento, mostrar a este jovem que existe uma produção literária importante que tem como principal foco, fortalecer a noção de identidade e estreitar os laços com a história, o espaço e tempo, pois é através dela que se encontrará subsídios para se tornar um cidadão mais crítico e consciente do mundo a sua volta, ou seja, mais humanizado.

> [..] Essa humanização se dá pelo fato da literatura proporcionar um efeito duplo no leitor onde este o remete a fantasia trazendo situações não reais que instiga o leitor a um posicionamento intelectual, assim mesmo distante de sua rotina a literatura leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e incorporar novas experiências. É durante o processo de leitura que o leitor entra em contato com diferentes culturas instigando assim a compreensão de seu papel como sujeito histórico. (MATHEUS; DUARTE, P.2)

Partindo dessa premissa sobre Literatura e sociedade (texto e contexto) como elementos indissociáveis, pois são espelhos do meio em que são criados, Candido (2006, p. 13) preconizava que "O externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno".

4.1 O ensino de literatura a partir da valorização cultural da história local

O escritor marabaense João Brasil Monteiro (2001) é enfático ao afirmar a necessidade de se conhecer a história local que muitas vezes e negada por descaso ou falta de políticas públicas voltadas para o incentivo da literatura da região, tão rica em informações históricas sobre a formação do povo, mas menosprezada como objeto de aprendizagem dentro da escola.

> Uma região que não conhece sua história ou a relega para segundo plano, jamais conseguirá se auto afirmar, pois irá faltar-lhe sempre a dignidade de sua origem, o conhecimento de sua formação, do seu nascimento em tempos remotos, muitas vezes baseado na determinação, nos sonhos, na saga, no trabalho e no destemor de seus primeiros habitantes. (MONTEIRO, 2001, p.9)

A partir dessa afirmação, se faz necessário incorporar dentro do currículo escolar, obras que retratam os processos de identificação cultural, partindo de um projeto que possibilite essa inclusão de maneira satisfatória e eficaz e que enalteça os autores e obras, assim como os feitos de nossos heróis anônimos e que muito contribuíram para o crescimento da região sudeste do Pará.

A construção identitária da região é baseada na introdução e influência de outras culturas; trazidas ao longo do tempo pelos que aqui vieram em busca de uma vida melhor nos diversos períodos áureos da economia (Extração do

látex, Castanhais, garimpos, jazidas de minérios etc.) e acabaram se fundido com a dos nativos da região. Essa relação entre cultura/identidade influenciada por fatores intra e extraterritoriais, são mais bem aprofundadas pelas contribuições de Bhabha (2001) que analisa como se dá essa concepção de cultura hibrida (multicultural) em que uma cultura adquire traços de outra. Segundo o autor:

> "Prática" no nosso conceito pode ser definida como atitudes resultantes do caráter humano de um indivíduo ou da mentalidade coletiva de uma sociedade ou grupo social, estando diretamente ligado a influencias institucionais, na medida em que a prática se constitui enquanto uma alternativa de continuidade da existência de determinados costumes dentro de algo maior que seria as estratégias estabelecidas. Trata-se de uma mistura idiossincrática que podem ser identificadas em diversos setores da sociedade como a religião, a música, no esporte e na linguagem (esclarecemos que neste ponto linguagem se refere a oralidade, e não a literatura, pois esta se constitui enquanto artefato) entre outros semelhantes (BHABHA, 2001, p. 246).

Para Silva (2018), a escola tem como função a formação de leitores capazes de desenvolver uma ótica crítica a respeito do mundo, mas o que se vê na verdade e que a leitura tem sido feita de maneira superficial, consumista. Deixando de lado os debates, as experiências, interpretações e as inferências feitas pelos alunos, prejudicando a melhora cognitiva deles.

As contribuições que esta pesquisa pode proporcionar vão além dos muros escolares. Ela possibilita uma visão nova de todo o processo de formação da criança e do adolescente, despertando um olhar mais crítico e reflexivo. Vygotsky (2013) destacou em sua teoria Socioconstrutivista de que a formação se dá pela interação homem/sociedade. Ou seja, a interação social interfere de maneira significativa no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas, e a literatura tem servido como ponte para despertar essa interação e formação da identidade.

São muitos os motivadores que podemos elencar neste trabalho sobre o que leva um aluno a eleger a escola como principal ponte para sua ascensão: a expectativa de conseguir um bom emprego, a esperança de melhora de vida, independência econômica, a de servir de exemplo para outros e a elevação da autoestima, Mas o maior motivador que faz da escola tão importante para um indivíduo é a necessidade de criar sua identidade.

4.2 O que é Literatura?

A literatura (do latim *littera* que significa *letra*) surgiu nos primórdios da humanidade, quando o homem ainda não usava a escrita como forma de comunicação, eram nômades e acreditavam na divindades e cultos religiosos como forma de amenizar as forças da natureza, as tradições eram passadas de geração a geração de forma oral e a partir dos desenhos nas paredes das cavernas (arte rupestre) que representavam símbolos e figuras humanas, começou a se registrar o que seria o surgimento da escrita (TODOROV, 2009).

O conceito mais antigo usado pelos estudiosos literários é o do filósofo grego Aristóteles que a definiu como "uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras (mimese)", dividindo-a em três categorias: Épico, Lírico e dramático. Tayassu (2011) orienta que, na contemporaneidade essa definição caiu em desuso, em virtude das transformações pelas quais vem passando, sendo necessário deliberar critérios que afirmem se uma obra é ou não literária. Isso ocorre haja vista que se considera literatura toda manifestação que utiliza a linguagem como expressão estética que produza sentido a algo que toque com beleza e sensibilidade.

Antoine Campagnon (2009) em sua aula inaugural no Collége de France fez um questionamento que há muito inquieta o pensamento daqueles aficionados ou que dela já fizeram objeto de estudo. Literatura para quê? indagação que se tornou um pequeno livro que é quase que unanime para os estudantes terem um melhor entendimento acerca do assunto. Nele o autor enfatiza que a literatura é vital para a sobrevivência e sucesso, tornando mais fácil o convívio em sociedade para aqueles que dela detém o conhecimento.

> Lemos, mesmo sem ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil [...]aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura. Além disso, supôs-se por muito tempo que a cultura literária tornasse o homem melhor e lhe desse uma vida melhor. (CAMPAGNON, 2009, p. 35)

A literatura apela para a sensibilidade humana, deixando mais claro comportamentos e atitudes, traz à tona o poder libertador da ignorância, dos preconceitos e molda uma nova visão do mundo. As sensações provocadas

pelas obras literárias no ser humano o fazem perceber melhor seus costumes e suas ações, tornando-o um ser reflexivo e mais consciente dentro da sociedade em que vive.

No caso dessa pesquisa em questão, o entendimento de Campagnon (2009) é tido como uma forma de valorizar o estudo da literatura de maneira a contribuir para a descoberta da sensibilidade humana. Em se tratando do estudo da literatura local, como forma de conhecimento acerca das origens dos indivíduos de uma determinada localidade, estima-se o desenvolvimento cultural dos alunos e a valorização de tudo aquilo que foi criado a fim de promover a cultura local.

De acordo com Antônio Candido (2006) a Literatura é uma necessidade universal, pois a criação ficcional passa a ser um componente da nossa visão de mundo e, portanto, tendo várias funções que propiciam ao indivíduo esse equilíbrio. Como no caso da própria ficção, criada com o intuito de satisfazer a necessidade humana no que se refere a fantasia e ao imaginário que são imprescindíveis para sobrevivência, é a motivadora de diversas manifestações culturais, ela nos transporta para um mundo criado, idealizado na mente humana, importante para a estabilização psicossocial da nossa sociedade.

Diferente de outros métodos de ensino, a literatura age de forma livre, não havendo a obrigatoriedade de demonstrar o que é certo ou errado, o leitor tem autonomia para decidir e por isso é considerada a expressão máxima de uma cultura.

Antônio Candido (2002) também enfatiza sobre a ação humanizadora da literatura ao afirmar que "[...] não corrompe, nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver" (CANDIDO, 2002, p. 85). Por mais que trabalhe com a ficção, ela tem uma função formadora e educacional, pois sempre há algo que nos modela a realidade, moldando-nos a viver dentro de uma sociedade.

Candido (2002) também compreende a literatura como um processo de evolução e conhecimento do homem com a sociedade no qual está inserido. Nesse caso, o estudo da literatura local é uma forma de trabalhar o desenvolvimento do conhecimento acerca das origens dos alunos, permitindo assim a produção de conhecimento acerca da localidade onde nasceram.

A literatura é capaz de promover uma aprendizagem plena, oferecendo a quem dela faz uso, um leque enorme de competências e habilidades que são desenvolvidas a partir da leitura. Aflorando os mais variados sentidos e sensações que despertam um senso crítico mais aguçado em relação ao mundo, porque tudo passa pela arte das palavras (Literatura).

4.3 A importância da literatura local/Glocal

Trabalhar com uma literatura que aproxima o leitor para o mundo que o cerca, dando-lhe a noção de que está intimamente ligado ao escrito, certamente tem um impacto significativo na sua percepção sobre a realidade. Ao fazer uso de uma leitura mais próxima, ele se depara com algo que conhece bem (TAYASSU, 2011).

Peculiaridades que reforçam na mentalidade, a forte noção de também pertencer aquele lugar. Isso é possível quando nos deparamos com autores locais que dedicam sua vida a mencionar os feitos dos antepassados, que remontam a formação de seu povo e sua cultura, com narrativas simples que misturam ficção e realidade. Abordando a história em forma de prosa e poesia, usando uma linguagem simples e acessível, falando de pessoas humildes e anônimas que tiveram relevância na formação da região, mostrando que o homem está intimamente ligado a natureza, e a partir dessa junção surgirem as narrativas que não tem apenas valor didático, mas também nos fazem refletir sobre nosso papel histórico, cultural e social.

Assim são as obras dos autores do sudeste paraense. Abordam sobre o povo, o lugar, as riquezas naturais, a floresta. Colocando-os em primeiro plano, explicando os seus feitos, seus costumes, crenças, sua cultura e o modo de vida simples.

Nossos autores são resistentes e, mesmo sem apoio e o merecido reconhecimento, não desistem. Homens e mulheres que despendem seu tempo e dedicação com o propósito de deixar um legado para as gerações futuras. Compete a nós professores, não permitir que caíam no ostracismo, regados a um fundo de prateleira empoeirada. É mais do que hora de nossos estudantes terem o prazer de se deleitar com essas obras (COSSON, 2018).

O autor João Brasil Monteiro foi um dos que dedicou sua vida a literatura, um homem simples mais de grande sabedoria que buscou pesquisar informações históricas da região para compor livros como: *Fique por dentro, Viagem ao Tocantins e Araguaia, O castanheiro, Do capotão ao poliuretano, O garimpeiro, Marabá caminhos das aguas e Pegadas de um paraense.*

Um verdadeiro resgate do passado, com obras que poderiam ser facilmente trabalhadas em qualquer disciplina escolar, ricas em material informativo e antropológico. Usando uma linguagem simples e com descrições peculiares da região, suas narrativas são recheadas de traços culturais que solidificam a identidade regional, extraídas do livro “O Garimpeiro” que contém marcas de transitoriedade geográfica, com dialetos próprios e crenças populares (MONTEIRO, 2001).

Inspirando pelo pai escritor, Joao Brasil Filho também compôs poemas enaltecendo os garimpeiros da famosa Serra Pelada (localizada no município de Curionópolis), a grande responsável pelo “boom” demográfico e populacional da região sudeste do Pará, enaltecendo os feitos desses grandes desbravadores (anexo 1).

Outro que merece destaque é o ilustrador e cartunista Rildo Brasil que muito contribuiu com suas charges, caricaturas e cartoons, utilizando de um humor simplório, trouxe à tona temas polêmicos como a violência (no campo e na cidade), o desmatamento, a poluição, o crescimento desordenado, a pobreza, grilagem de terras e os fenômenos da natureza que tanto castigaram nosso povo (enchentes, queimadas). Momentos da nossa história, expostos com muito humor, dedicação e amor. Apesar da grandeza de seus trabalhos e premiado nacional e internacionalmente, nunca teve o devido reconhecimento de sua gente. Os anexos: 2, 3 e 4 apresentam algumas charges referentes aos problemas da região.

São inúmeros os autores locais que podem contribuir para o processo de aquisição do conhecimento, com suas histórias e poesias que tem como pano de fundo o próprio sudeste paraense com suas belezas naturais, seus conflitos, suas riquezas, sua gente e sua cultura. Proporcionando a fusão do leitor/texto lido, numa mistura singular que enraíza na concepção de mundo dos que se deleitam com obras como as de Ademir Braz, Airton Souza, Abilio Pacheco, Janailson Macedo, os irmãos Augusto e Frederico Morbach, Charles Trocatte,

Rosana Salame entre outros talentos que dedicaram sua vida a enaltecer essa região e seus nobres homens e mulheres.

Maria Virginia Bastos de Matos em sua obra “História de marabá” nos deleita com uma retrospectiva histórica e informativa da formação não só da cidade de Marabá como também da região, pois há uma interligação forte entre as cidades que aqui surgiram. Fazendo um relato minucioso desde os povos indígenas com sua trajetória de sofrimento e resistência, do processo de colonização a partir dos ciclos da borracha (Caucho)e da Castanha, sobre a criação de latifúndios para pecuária, dos grandes projetos como a Estrada de Ferro Carajás e a Hidrelétrica de Tucuruí, da força devastadora da natureza (enchentes) até o surgimento do garimpo de Serra Pelada, responsável por triplicar a população da região. Um material completo de caráter didático/Pedagógico que merecia estar no currículo escolar de forma perene. Como o interessante relato sobre o povo indígena Suruí (anexo 5).

Isso nos faz refletir o quanto perdemos em não oportunizamos aos jovens estudantes estas joias da literatura do sudeste paraense. São muitos os autores e obras que podem contribuir para que essa identidade tão miscigenada não se perca, a noção de pertencimento impregnada nas narrativas aproxima e deixa mais evidente o quão rica é a cultura desse povo, a literatura como ponte, pode proporcionar essa interação homem/sociedade/natureza, tornando o indivíduo mais consciente e participativo e ao mesmo tempo despertar o senso crítico e reflexivo.

4.4 Ensino-Aprendizagem de Literatura

A literatura é a representação mais concisa da cultura de um povo e está presente em todas as sociedades. É através do seu ensino que se pode criar pressupostos para a compreensão e amplitude de um determinado período histórico. Partindo dessa premissa, tentaremos abordar a questão do ensino-aprendizagem de literatura na contemporaneidade, levando em consideração seu aspecto formador e sua função social (COMPAGNON, 2009).

É válido ainda abordar os entraves e os problemas enfrentados pelos professores de Literatura na rotina estudantil. A leitura é vital para a vida em uma sociedade letrada. A todo momento nos confrontamos com as mais diversas formas de representações escritas, sendo necessário que estejamos

preparados para fazermos essa leitura de mundo, cabendo a escola promover e dar suporte para o desenvolvimento cognitivo do aluno nas etapas que englobam esse processo interacionista, sendo que aqueles que não tiveram acesso à escola estarão inevitavelmente excluídos na dinâmica das relações sociais.

A colocação de Cagliari (2004) também é de grande relevância para essa noção de importância da leitura na formação do aluno, conforme a transcrição a seguir:

> A atividade fundamental desenvolvida para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair bem em outras atividades, mas foi um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. (CAGLIARI, 2004, p. 146)

A partir dessa concepção, o ensino de literatura deve ganhar novas perspectivas, pois é a porta de entrada para a aquisição do conhecimento. Cosson (2010) ressalta essa relação literatura-educação:

> Todos nós estamos acostumados à presença da literatura na escola. Por isso, reivindicar um espaço para a literatura em sala de aula, como vamos fazer aqui, pode parecer desnecessário. De fato, a relação entre literatura e educação é tão antiga que se confunde com a ideia de civilização. Antes mesmo dessas duas práticas serem assim denominadas e adquirirem o sentido que possuem hoje para nós, a literatura já era usada como matéria de formação. Ensino e aprendizagem em diferentes culturas. (COSSON, 2010, p. 55)

Mas o que tem se visto atualmente é um ensino desfigurado da Literatura, direcionado sob uma única ótica, que tem como objetivo principal o de apenas ensinar a língua, gerando uma grande insatisfação na maioria dos alunos que não conseguem explorar toda a potencialidade que um texto literário pode oferecer, Trazendo à tona uma relação entre literatura e educação longe de ser pacifica, de acordo com Cosson (2018):

> [...] o lugar da literatura na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis. Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantem na escola por força da tradição e da inercia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX e que já não tem razão de ser no século XX. (COSSON, 2018, p.20)

Cosson (2018) relata alguns fatores que contribuíram para a recusa da literatura dentro da escola.

> A multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre outras tantas características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de uma literatura na escola atual. (COSSON, 2018, p. 20).

Para Todorov (2009) é necessário que se tenha uma nova visão do ensino de literatura, muito mais extensa do que possa parecer:

> Não apenas estudamos mal o sentido de um texto se nos atentarmos a uma abordagem interna estrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto; não apenas os meios não devem se tornar o fim, nem a técnica nos deve fazer esquecer o objetivo do exercício. É preciso também que nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas. Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto antes, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre a sociedade a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. (TODOROV, 2009, p 33)

A leitura literária desperta no aluno seu senso crítico - muitas vezes ainda inexplorado, pois quando confrontado com o texto, afloram reflexões e questionamentos que traspassam a sociedade e reconstroem valores antes pré-concebidos. Essa perspectiva permite uma recriação de uma nova realidade, mais autônoma, daí sua relação na formação sócio histórica do educando.

Zilbermam (2008) afirma em seus estudos que o texto literário amplia o poder cognitivo, proporcionando um maior entendimento da realidade através da fantasia:

> O texto concilia a racionalidade da linguagem, de que é testemunha sua estrutura gramatical, com a invenção nascida na intimidade de um indivíduo; e pode lidar com a ficção mais exacerbada, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua. Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas. (ZILBERMAN, 2008, p.17)

É preciso saber decodificar os sinais que formam o universo da escrita, pois o entendimento das coisas mais simples até as mais complexas, repassam em reconhecer os códigos da linguagem, e os que não tem esse poder estão fadados a serem enganados e menos valorizados pelos demais que detém a capacidade da leitura. Todo esse conhecimento se aprende na escola, através dos textos literários.

A escola tem a seu favor a possibilidade de fornecer ao estudante uma grande variedade de textos literários, principalmente para aqueles oriundos das camadas de menor poder aquisitivo. Neste ambiente privilegiado é que terão contato com uma diversidade enorme de textos que falam da nossa cultura.

Candido (2002) ressalta que cabe ao professor de Língua Portuguesa a responsabilidade de criar metodologias que diminuam a visão pessimista criada por um ensino de literatura defasado, que nos moldes atuais não tem contemplado o contexto histórico, cultural e social na sua totalidade.

5 A RELEVÂNCIA DO LETRAMENTO CULTURAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM LITERATURA

O presente capítulo coloca em pauta a questão do letramento cultural como componente indispensável às pessoas, ao exercício efetivo dos seus direitos e deveres como cidadãos e tem como propósito levantar alguns questionamentos referentes a comportamentos letrados praticados pelos indivíduos, frisando a importância do sujeito procurar aprender habilidades que possam harmonizá-lo com as demandas sociais, econômicas e políticas. Cosson (2018) ressalta que há diferentes tipos de letramentos, adquiridos em ambientes sociais e privados. O letramento escolar, aprendido na escola, pode abarcar os mais variados tipos de letramento.

A frequência com que estes aparecem na vida diária estão exemplificados com citações de alguns especialistas no assunto. É destacado, um ponto negativo que atua como barreira para que os indivíduos adquiram diferentes práticas letradas, em seguida é exposta uma breve proposta para tentar dar fim a esse entrave que resulta no baixo grau de letramento cultural de algumas pessoas.

Em uma sociedade que a todo o momento ocorrem mudanças políticas, econômicas e sociais, sempre refletidas nas relações humanas, o indivíduo precisa estar ciente da necessidade de acompanhar essas mudanças. Com isso, é preciso adquirir habilidades condizentes com as demandas impostas pelo seu meio social, habilidades que não apenas incluem processos técnicos e manuais, mas sim também, habilidades intelectuais. Essas habilidades permitem que esse sujeito venha a possuir conceitos universais, podendo dessa forma usar toda leitura de mundo a seu favor, estando aberto a receber todo conhecimento que lhe seja apresentado.

Lima (2015) ressalta que, um grande obstáculo que impossibilita o sujeito a ser um agente receptor em potencial de diferentes níveis letrados é a crença, carregada por muitos estudantes; na maioria das vezes àqueles que não pretendem dar continuidade aos estudos, que se baseia na falsa ideia de que o que se aprende na escola pouco ou nada será de fato visto fora dela. Em consequência disso alguns conteúdos disciplinares nas áreas de língua portuguesa, biologia, sociologia etc., são rejeitados ou estudados com pouco interesse, por se acreditar que não possuem relação nenhuma com o cotidiano.

Então é comum ouvirmos de estudantes interrogativas como estas: para quê preciso aprender regras gramaticais? ao que me serve conhecer um gene? para quê preciso saber o que foi a democracia grega? Essas questões incluídas em diferentes disciplinas escolares fazem parte dos mais variados campos do saber humano e cabe ao aluno procurar estudá-las com igual interesse, estando sempre atento aos conteúdos que elas abordam, relacionando-os não só entre si, mas também, com informações geradas pelo mundo que o cerca, pois a informação sobre os mais variados assuntos está amplamente disponível para a sociedade (COMPAGNON, 2009).

Isso faz com que a escola, mais do que nunca, tenha por missão contribuir para que o aluno desenvolva habilidades e competências que lhe permitam trabalhar essa informação: selecionar, criticar, comparar, elaborar novos
conceitos a partir dos que já tem. Sendo que pertencemos a uma sociedade que cada vez mais exige que o indivíduo seja possuidor de habilidades variadas, não faltarão ocasiões nas quais ele lançará mão de diferentes níveis de letramento.

A necessidade de letramento na nossa vida é óbvia. No emprego, passeando pela cidade, fazendo compras, todos encontramos situações que requerem o uso da leitura ou produção de símbolos escritos. (SOARES, 2009, p.74). Em vista disso, é necessário que desde cedo os estudantes se apropriem de várias modalidades de letramento, levando os estudos com maior comprometimento e dedicação, pois, agindo dessa forma, tudo o que foi aprendido na escola terá grande importância no seu desenvolvimento como estudante e como pessoa.

Além disso, o letramento irá refletir positivamente em seu benefício social e culturalmente, fazendo com que a pessoa letrada já não seja a mesma

que era quando analfabeta ou iletrada. Com isso, passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar de lugar social, seu modo de viver na sociedade, na sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferentes.(SOARES, 2009, p.37).

No entanto devemos salientar que a escola não é o único lugar onde se pode vir conquistar educação e, por conseguintes práticas letradas como a leitura e a escrita, conforme Maria Cecília Mollica (2007, p.16) aponta:

> A escola é uma das agências de letramento, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em comunidades particulares ou em âmbito mais geral (MOLLICA, 2007, P. 16).

Nas palavras de Catitu Tayassu (2011) a relevância do letramento nas suas várias nuances são ditas da seguinte forma:

> Os atos, as práticas, as modalidades e as circunstâncias de leitura e de escrita não estão veiculados (apenas) às instituições escolares e aos seus processos pedagógicos, mas a seus usos e às suas práticas em diversos contextos e circunstâncias do mundo social e cultural, como também, na esfera privada ou individual (TAYASSU, 2011, p. 18).

Libâneo (2014) compreende que existe na contemporaneidade um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares, por meio de várias agências. Além da família, a educação ocorre nos meios de comunicação, nas empresas, nos clubes, nas academias de ginástica, nos sindicatos, na rua.

Os momentos em que nos deparamos com atividades que solicitam de disponhamos de múltiplos graus de letramento em diferentes leituras é frequente, como atesta Soares (2009, p. 49): "... há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e o cultural". A todo instante surgem variados tipos textuais e isso demonstra a importância atribuída a eles que há séculos imprimem um papel destacado na vida do ser humano. Segundo Libâneo (2014):

> Os textos sempre desempenharam um papel vital na história humana não só em termos do conteúdo, mas também da forma. A escrita revela

> a natureza das relações sociais na comunidade e cultura que os produz e usa como aspecto fundamental dessas mesmas relações (LIBÂNEO, 2014, p. 281).

Na leitura de cartas, jornais, informativos, bulas, instruções etc., o sujeito só poderá tirar bom proveito dessas variadas leituras se for possuidor de variados gruas de letramento, pois cada um dos textos mencionados apresenta formas diferentes de linguagem. O letramento de alunos do ensino médio pode ser estimulado pela leitura e a produção de textos a partir do contato desses alunos com diferentes gêneros textuais.

Textos interessantes, temáticas muito presentes nos meios sociais, por exemplo: redes sociais, meio ambiente, educação sexual, e pluralidade cultural. Sendo que, o diálogo desses gêneros textuais ente si e com as disciplinas escolares podem se tornar aliadas ao processo de aprendizagem e, por conseguinte, ao letramento.

5.1 Letramento cultural como Prática Social

Libâneo (2014) propõe a distinção de dois modelos sobre os estudos do Letramento: o Autônomo que se refere aos aspectos técnicos do letramento e a divisão entre a oralidade e escrita e o Ideológico que leva em consideração as práticas ligadas às estruturas sociais considerando habilidades técnicas do letramento. Pois, levando nesse ponto, o modelo autônomo é abrangente ao modelo Ideológico por reunir aspectos culturais e cognitivos das práticas de Letramento.

No que diz respeito ao conhecimento prévio acerca do letramento cultural, Zilberman (2008) esclarece que alguns procedimentos podem ser tomados para ajudar o aprendiz a atualizá-lo.

> 1. Dar alguma explicação geral sobre o que será lido. Não se trata tanto de explicar o conteúdo, mas de indicar sua temática para os alunos, para que possam relacioná-la a aspectos de sua experiência prévia.
>
> 2. Ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto que podem ativar seu conhecimento prévio. (desenhos, títulos, subtítulos, enumerações, sublinhados, mudanças de letras etc.)
>
> 3. Incentivar os alunos a exporem o que já sabem sobre o tema. [...] depois da discussão, breve e centrada, devem ser sintetizados os aspectos mais relevantes, que ajudarão as crianças a enfrentar o texto (ZILBERMAN, 2008, p. 187).

Após as estratégias de antecipação ou de previsão, o professor pode ajudar o aluno a promover perguntas sobre o texto. Não se trata de apenas utilizar o conhecimento prévio, mas também – e talvez de maneira não intencional –conscientizar-se sobre o que sabem e sobre o que não sabem sobre dado assunto voltado para a cultura de uma localidade.

Depois da leitura, pode-se comparar os fatos com as previsões e inferências feitas, a fim de verificar a veracidade entre elas. O aluno aprende, assim, a interagir com o material a ser lido e a construir sentido com textos de diversas naturezas. Ensinar o aluno essas estratégias é, nesse sentido, ensiná-lo a aprender a partir da leitura e, como consequência, aprender a aprender de forma autônoma e em diversas situações.

Quando se pensa em leitura, logo se imaginam papéis escritos – jornais, livros e revistas. No entanto, temos a leitura presente o tempo todo no nosso cotidiano – em muros, outdoors, camisetas, cartões, catálogos etc. –, por isso se diz que já fazemos parte de uma sociedade grafocêntrica. Pode-se dizer que a "escrita, gradativamente, se transformou em um obstáculo (ou meio de acesso) para o homem ter uma participação efetiva no mundo social" (BARBOSA, 2009, p. 28).

Tem-se entre indivíduos alfabetizados e analfabetos situação de desigualdade que se estende por muitas outras formas de dominação social. Os resultados de importantes exames de proficiência em leitura, como SAEB 2005 e o PISA 2006, e pesquisas, como o INAF 2007 apontam a dificuldade da maioria dos brasileiros em ler e compreender textos escritos. Soares (2009) orienta que é importante que sejam discutidas tanto as razões desse problema como formas de reverter essa situação.

Alguns problemas no ensino de leitura foram listados neste artigo, tais como a grande divisão entre leitura na escola e fora dela e o trabalho com as fichas de leitura de textos literários. A escola deve tratar o processo de alfabetização de mãos dadas com o letramento, e não apenas trabalhar com o reconhecimento de letras e palavras.

Nesse sentido, o trabalho com os gêneros textuais em língua portuguesa, com a literatura – em especial, para que os alunos conheçam variados tipos de textos dentro da esfera literária – e o ensino de estratégias de leitura, devem

contribuir para a formação do leitor proficiente, que realiza boa leitura não só durante as atividades escolares, mas também durante diversas situações do dia-a-dia. Um leitor que sabe usar o texto em benefício próprio e que conta com recursos para fazer parte dos eventos sociais que envolvem o letramento, assim como usufruir dos bens culturais. Enfim, um cidadão letrado.

Tratar o Letramento como Prática Social implica focalizar as relações de poder que envolvem os letramentos nas instituições sociais. Isso significa examinar o que está sendo feito e por quem, o papel do letramento desempenha processos institucionais e a que propósitos está servindo (TODOROV, 2009).

Na sala de aula, para analisar as práticas de letramento em que os estudantes estão engajados, é preciso identificar as atividades pedagógicas e, que textos escritos estão envolvidos e os domínios da vida social aos quais esses textos se relacionam. Observar as a diversidade das práticas de letramento cotidianas pode auxiliar os estudantes a enxergarem as suas próprias práticas como relevantes para alcançarem seus objetivos da vida diários. O letramento escolar é uma de muitas formas de comunicação e poderia ser desenvolvido lado a lado com outras formas tais como a linguagem falada, a linguagem de gráficos, talvez o letramento impresso não devesse monopolizar o processo de educação.

As práticas de letramento não-escolares são extremamente variadas e frequentemente são completamente diferentes daquelas da escola. Os professores poderiam trabalhar criticamente com esses letramentos não-escolares tais como o letramento do consumidor, por exemplo, examinando o rol de letramentos usados pelas pessoas no dia a dia.

É importante entender que a escola é um contexto para a aprendizagem, entre outros. Os alunos aprendem sobre letramento informalmente em suas vidas cotidianas, mesmo antes de irem à escola, esse tipo de aprendizagem não é sequencial, pois as pessoas aprendem sobre usos, estratégias e valores nas práticas sociais (SOARES, 2009).

Existem propósitos sociais para ler e escrever no dia a dia. As pessoas não leem e escrevem sem algum propósito e, isso sustenta a ideia de ler e escrever para propósitos reais na escola, exercícios, materiais e atividades que apenas envolvem ler e escrever por si mesmas deveriam ser evitados. Os

Letramentos envolvem colaboração e usam redes de suporte, para encorajar aquelas que estão desenvolvendo leitura e escrita colaborativa na sala de aula.

5.2 A proposta de letramento cultural nas aulas de língua portuguesa

O trabalho na disciplina de língua portuguesa, no que se refere à abordagem do letramento cultural precisa levar em consideração toda a abordagem do material cultural existente acerca de uma região. Isso se faz necessário, pois assim os alunos terão a oportunidade de desenvolver a prática do letramento a partir da abordagem de conteúdos capazes de promover o conhecimento sobre a cultura onde esses alunos estão inseridos, de maneira a ampliar as possibilidades de conhecimento (ZILBERMAN, 2008).

Com isso, muitas são as possibilidades de aplicação de atividades específicas, sobretudo nas aulas de literatura, onde conteúdos como: livros, contos, poemas, curiosidades e outros poderão ser explorados com os alunos de forma didática, permitindo assim o contato dos alunos com a sua própria cultura.

Atividades como: exibição de documentários, por exemplo, servem como fonte de inspiração ao processo de escrita, pois os alunos poderão ser incentivados a produzir textos, pequenos poemas e outras formas de manifestação escrita. Com isso, os alunos serão capazes de trabalhar o conhecimento pessoal de cada um deles, acerca daquilo que alcançaram nas aulas, por meio das explicações dos professores sobre o conteúdo cultural abordado.

A produção de feiras culturais, o levantamento de obras escritas por autores locais e a valorização da literatura da região onde os alunos estão inseridos poderá ser uma forma eficiente de promover a prática do letramento cultural com os alunos. Com isso, amplia-se as possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos propostos e da divulgação da cultura local para que a comunidade também possa conhecer mais acerca das obras e atividades realizadas por autores e artistas de uma determinada localidade (MOLLICA, 2007).

Enfim, a forma como os professores poderá trabalhar a questão do letramento cultural nas escolas, nas aulas de literatura são muitas. Cabe, portanto aos profissionais de ensino buscar e implantar métodos inovadores e bem planejados para que assim a atenção dos alunos seja um diferencial de

apoio no processo de ensino/aprendizagem, permitindo assim não apenas o conhecimento da cultura local como também o desenvolvimento do processo de leitura e escrita, tão essencial para a evolução dos alunos.

6 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A APLICAÇÃO PRÁTICA DE OBRAS DA LITERATURA REGIONAL NAS AULAS DE LITERATURA

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na aulas de língua portuguesa com o objetivo de inserir a literatura produzida por escritores da região sudeste do Pará nas atividades de leitura e escrita de uma turma de ensino fundamental II (8° ano) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jonathas Pontes Athias, localizada no núcleo da Nova Marabá – Folha 21 Quadra e lote Especial na cidade de Marabá-PA, da qual faço parte do quadro permanente de professores há 12 anos.

Essa proposta de intervenção pedagógica surgiu da inquietação que tínhamos desde o início da vida acadêmica ao ingressar no curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2002. Nesse período nos foi oportunizado o primeiro contato com autores paraenses e regionais como Milton Hatoum, Daniel Munduruku, Walcyr Monteiro entre outros. Possibilitando-nos compreender o quão significante eram essas obras para moldar a noção de pertencimento/identidade, pois até então em nenhum segmento (ensino fundamental e médio) havíamos tido contato com obras de autores locais.

Surgiram os questionamentos que nortearam o projeto como: Por que não se trabalha a literatura local nas aulas de Língua Portuguesa? Por que não valorizamos nossos autores? Como incutir a noção de identidade de um povo sem a literatura local?

Segundo Candido (2008) a literatura proporciona ao leitor um processo de humanização que se dá através da leitura, ele é levado pela ficção (fantasia) a introduzir na sua vida novos conhecimentos, pois a literatura consegue mostrar diferentes modos de cultura, transformando seu pensamento em relação a realidade. A base nacional comum curricular (BNCC) também pauta suas competências especificas nessa vertente.

> 1.Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
>
> 2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
>
> 3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
>
> 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
>
> 5.Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
>
> 6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
>
> 7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
>
> 8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
>
> 9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

> 10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.[1]

Como professor de Língua Portuguesa desde 2003, trabalhando num primeiro momento com alunos de EJA – Educação de Jovens e Adultos que tinha como perfil alunos com idade mais avançada e que não haviam terminado o ensino no tempo adequado e vindos das classes menos favorecidas, e logo depois, com alunos das séries finais do ensino fundamental - jovens em processo de construção do conhecimento e de uma identidade.

Neste interim, percebemos que a literatura trabalhada pelo livro didático nos dois segmentos acima citados, era muito superficial, geralmente um trecho de uma obra ou uma referência a um autor ou escola literária; e assim vem se perpetuando até os dias atuais, tornando seu ensino tedioso e desinteressante para o aluno.

Então como educador e amante da literatura, trazendo na bagagem a grata experiência de ter tido contato com obras que falam do nosso lugar e dos nossos antepassados, surgiu a proposta desta pesquisa. Vale salientar que essa proposta de inserir as obras de autores locais no âmbito escolar em nenhum momento foi pensada como forma de diminuição dos valores dos clássicos literários, até porque esses já têm seu espaço cativo nas aulas de Língua Portuguesa.

A principal motivação é promover essa interação entre o estudante e as obras literárias da região amazônica como forma de enaltecer o brilhante trabalho dos escritores locais, aproximando os leitores dos textos que os identificam como seres sociais e culturais daquele contexto em que foi produzido, motivando as gerações futuras a continuarem esse legado que é o de escrever e ler histórias e poemas que proporcionam ao leitor se vê nas narrativas e consequentemente valorizar a cultura e seu povo.

Com isso foi elaborada uma proposta de intervenção que pudesse agraciar as aulas de língua Portuguesa com obras dos autores da região

---

[1] BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf >. Acesso em: 06 jul. 2018

Sudeste do Pará, ampliando o conhecimento dos alunos acerca do lugar onde vivem através dos textos literários e estimulando a noção de identidade. Conforme sequência didática elaborada a seguir, dividida em 4 etapas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Público-alvo: 8° Ano	**Tempo estimado: 02 meses**

Objetivo geral:

- Incorporar nas escolas da rede pública do município de Marabá, a literatura regional, como fonte de conhecimento imprescindível para a compreensão das nossas origens e a partir desta percepção, transformar nosso alunado em seres mais conscientes e reflexivos às questões (ambientais, culturais, econômicas e sociais) que envolvem a nossa região.

Objetivos específicos:

- Mostrar a importância da literatura regional como objeto de cunho didático, histórico e informativo. Imprescindíveis para aquisição de conhecimento e entendimento das nossas origens.
- Aproximar o aluno das obras literárias que tratam do cotidiano, fomentando o prazer pela leitura local.
- Entender como se deu a formação da identidade do povo do sudeste paraense com a incorporação de outras culturas trazidas pelos que aqui resolveram fixar moradia.
- Prestigiar nossa rica literatura, enaltecendo autores da região que muito tem a contribuir para o processo cognitivo.
- Incorporar no currículo escolar, obras de autores da região sudeste do Pará.
- Ampliar a noção de respeito, ética e valores no jovem em processo de formação da sua identidade sociocultural.
- Aliar Literatura e tecnologia em prol do conhecimento do estudante.

1° Etapa: Seminário

Objetivo: refletir sobre a importância da literatura local para a construção de uma identidade.

Conteúdos: Slides
Obras Literárias
Imagens
Material cultural

Metodologia:

- Fazer uma breve explanação sobre a importância da literatura local para que os alunos possam ter a noção de pertencimento mais apurada.
- Mostrar algumas imagens de autores e obras locais através de slides

- Ler um trecho de uma obra.
- Abrir para os questionamentos e debates
- Mostrar elementos da nossa cultura
- Questionar sobre quem já conhecia os referidos elementos
- Solicitar uma pesquisa
- Debater sobre a literatura local e sua contribuição no desenvolvimento cognitivo

Nesta segunda etapa do projeto, os alunos divididos em grupos, foram aos espaços públicos que poderiam ter em seus acervos essas obras de autores locais, como a Casa da Cultura de Marabá, biblioteca Municipal e bibliotecas escolares do bairro.

2° Etapa: Pesquisa de campo – Coleta de Dados

Objetivo: Fomentar o prazer pela pesquisa e incentivar a visita às bibliotecas públicas

Conteúdos: Pesquisa literária local
Pesquisa Biográfica dos autores do sudeste paraense
Imagens
Coleta de dados

Metodologia:

- Solicitar aos alunos uma pesquisa em bibliotecas públicas
- Coletar dados sobre as obras e autores locais existentes nestes espaços
- Produzir imagens através do aparelho celular para apresentação em sala
- Pesquisar a biografia dos autores locais
- Refletir sobre o acervo encontrado

Nesta terceira etapa, os trabalhos se concentraram dentro da sala de aula.

3° Etapa: Sala de Aula - Biografia

Objetivos: Trabalhar o gênero biografia como pontapé inicial para a promoção da inclusão dos textos literários do sudeste do Pará.

Conteúdo:

Material de pesquisa dos alunos

Explanação sobre o gênero Biografia

Biografias pesquisadas

A literatura como fonte permanente de conhecimento

Reflexão sobre a intimidade dos textos com o lugar de origem

Metodologia:

- Explicar o motivo da pesquisa
- Catalogar material pesquisado
- Explicar o gênero Biografia e sua relevância
- Mostrar passo-a-passo como as narrativas aproximam o leitor do que está sendo lido (noção de pertencimento)
- Demonstrar a importância de aliar Literatura e tecnologia atualmente
- Leitura dos textos literários de escritores locais
- Explanar sobre as Bibliotecas virtuais

4° Etapa: Sala de Informática – Biblioteca virtual

Objetivos: Confecção a partir do material pesquisado e das biografias uma biblioteca virtual, com a digitalização das obras de autores locais.

Conteúdo/Material:

Material pesquisado

Computadores

Obras literárias

Sala de informática

Metodologia:

- Criar uma biblioteca virtual
- Promover a literatura Local através da internet
- Aliar Literatura e tecnologia
- Transformar a visão de mundo dos jovens através da literatura local
- Possibilitar a reflexão sobre a noção de identidade

Importante salientar que o projeto não se resume apenas a sequência didática exposta, ele é muito mais abrangente e requer outras oficinas, exposições e trabalhos que reforçarão a importância dele no âmbito escolar.

A literatura está intrinsecamente ligada a realidade do leitor, portanto tem um papel ímpar na formação dos sujeitos, ela possibilita um entrelaçamento do passado com o presente. Conforme revelado por Cosson (2018):

> Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper o limite do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade das verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2018, p. 17)

Para que tenha sentido é necessário que a escola tenha a noção da importância de incorporarmos no currículo escolar, obras que aproximem o leitor para a realidade vivida por ele, LIMA (2015) em seu artigo ressalta a importância desse tipo de literatura:

> O Regionalismo se mostra presente na arte em geral e, obviamente, inclui a arte na literatura. Através da sua obra, o autor busca elucidar aspectos importantes concernentes a linguagem inerente e desenvolvida na região, ou ao espaço geográfico em si como um todo, onde se desenvolve a narrativa. Pode-se afirmar que um determinado livro de cunho regionalista, passa a funcionar como uma espécie de vitrine para o leitor, para que este possa ter condições de vivenciar as características mais genuínas acerca do local apresentado, em se tratando, principalmente das inevitáveis influências regionais e marcantes no modo de ser e agir de seus personagens.

Possibilitar ao aluno conhecer sua história é um dos principais objetivos da inclusão da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa. Resultando num melhor desenvolvimento cultural, social e cognitivo, mas para que isso tenha efeito é necessário criar políticas de incentivo, pois o acesso desses textos nas aulas ainda é muito escasso ou inexistente. Na maioria das bibliotecas escolares pesquisadas pelos alunos não havia sequer um exemplar

de um autor do sudeste do Pará, demonstrando claramente a falta de incentivo a literatura local.

A escola precisa tomar para si o compromisso de valorizar as narrativas e memorias que demonstram como se deu a formação do nosso povo e possibilitar essa aproximação do leitor com sua história. Criando um acervo permanente em suas bibliotecas com apoio das secretarias de educação que, forneceriam apoio e suporte tecnológico para criação de uma biblioteca virtual e digitalização das obras. Todos devem estar coesos nessa missão de resgate da historicidade do sudeste paraense.

A prática pedagógica foi desenvolvida na Escola Municipal de ensino fundamental Jonathas Pontes Athias, localizada no centro do Bairro nova Marabá, na cidade de Marabá-Pa, onde atuamos como docente titular de língua Portuguesa há 12 anos com as turmas de 6° ao 9° anos. Vale destacar como características importantes para o desenvolvimento do projeto, o perfil do seu corpo discente, que na maioria, são de famílias oriundas de outras regiões, isso se deve ao fato de no início de sua fundação foi uma escola criada para atender aos filhos de trabalhadores da empresa “Vale do Rio Doce”, pois localiza-se ao lado de um conjunto residencial de moradores da referida empresa (extinto). Outro ponto interessante de se informar é que sempre foi referência pela qualidade de ensino e pela localização privilegiada, próxima ao batalhão do exército e vilas militares e sendo preferida por esses na matrícula dos filhos.

Na primeira etapa do projeto convidamos a turma do 8° ano C, do turno vespertino para um seminário sobre “A Literatura e sua importância para a formação da identidade” a realizar-se no auditório da própria escola. Durante o referido seminário foram expostos através de slides uma breve apresentação da formação da cidade de Marabá e seus ciclos econômicos mais importantes (Borracha, Castanha, Ouro, Siderurgia), responsáveis por impulsionar o crescimento não só econômico, mas também populacional da cidade e da região sudeste. Logo após foram feitas algumas inferências aos alunos sobre a ligação entre os períodos citados e o processo migratório na região, perguntando aos alunos: quais os que nasceram na cidade ou que os pais vieram de outros lugares do estado ou do país.

A maioria posicionou-se em uma das duas perguntas o que impulsionou a uma narrativa biográfica deles, sendo solicitado para alguns que fizessem um breve histórico pessoal e familiar. Nesse momento começamos a explanar sobre a importância da literatura no processo de aquisição do conhecimento, levando em consideração a obras literárias locais que por serem mais intimistas, refletem a realidade através do conhecimento passado, reforçado com um texto interessante e verídico extraído do Livro “O castanheiro” de Joao Brasil Monteiro que relata sobre um acidente ocorrido durante a infância por uma grande figura histórica da região e que mudou sua vida completamente. O texto foi distribuído aos alunos para leitura compartilhada em que alguns alunos foram escolhidos para lerem os parágrafos.

Logo após, foi exposto aos mesmos, um objeto de forma arredonda (esférica) de mais ou menos 14/15 centímetros e pesando entre 600 a 700 gramas (podendo chegar até 1.500 gramas) e solicitado a responderem se já haviam visto algo parecido, o que a maioria acenou negativamente, enquanto outros não sabiam o nome do determinado objeto, mas já haviam visto e que se tratava de uma fruta; causando um pequeno alvoroço entre os participantes do seminário.

Depois de descoberto que se tratava do fruto de uma Castanheira (Bertholletia excelsa), espécie de grande porte nativa da Amazônia, foi feito um breve relato da sua importância não só como alimento para indígenas e animais silvestres, mas também para a economia da região amazônica. Abrindo um leque de informações sobre sua importância para as comunidades, seu desmatamento ilegal, seu valor para a preservação dos ambientes naturais, seu emprego na culinária, suas propriedades naturais, o artesanato e a cultura (anexo 6).

Pode-se notar que o seminário fluiu de forma tão prazerosa que os alunos sequer preocuparam-se com o tempo decorrido, pois apesar de conhecerem a semente do ouriço (castanha), nunca haviam se atentado para sua importância dentro do cenário amazônico.

Logo depois voltou-se para a história contada (Férias sem retorno) e de seu personagem principal (Prof. Raimundinho), enfatizando como as obras literárias poderiam nos beneficiar com esse maior entendimento de tudo que nos cerca e das pessoas que contribuíram para o engrandecimento da região,

fazendo um breve relato sobre autores e obras que poderiam ajudar nesse processo de aquisição do conhecimento (anexo 7). Nesse primeiro momento foi solicitado que os alunos fizessem uma pesquisa nas bibliotecas públicas e nas escolas à procura de obras de autores da região, para os próximos encontros, dessa vez em sala de aula.

No segundo encontro com os alunos, foram catalogados os materiais pesquisados e não era de se surpreender que a maioria das escolas que tinham bibliotecas em seu espaço, não possuíam sequer um livro de autores locais. Isso reforçou aquilo que o projeto tanto propaga, a inclusão da literatura local nas escolas. Os únicos locais em que foram encontrados um vasto acervo, foram a biblioteca Municipal de marabá e Fundação casa da Cultura (anexo 8 e 9).

Isso nos fez refletir sobre o quanto de material informativo e histórico está sendo negado aos estudantes de nossas escolas por não terem acesso as obras que remontam ao passado e a formação de seu povo. Um legado que com o tempo vem sendo cada vez mais desprezado pela falta de incentivo e políticas públicas. Um jovem precisa conhecer o passado para poder entender seu presente e consequentemente, otimizar o futuro.

Na terceira etapa do projeto, iniciei a aula falando sobre o gênero Biografia e de como seria importante trabalharmos com ele, haja vista que proporcionaria um maior aprofundamento sobre cada autor, solicitando aos alunos que fizessem um relato do material pesquisado. Logo após foi explanado de como a tecnologia poderia ser uma forte aliada nesse processo, considerando que que é algo que faz parte de suas vidas e manipulam com uma certa facilidade e pela fácil disseminação de informações, propondo a criação de uma Biblioteca virtual e de como esta poderia ampliar os horizontes do trabalho em desenvolvimento, tendo em vista que as bibliotecas físicas não suprem a necessidade dos alunos.

A última etapa do projeto foi desenvolvida na sala de informática para criação da uma biblioteca digital, iniciando com sua formatação e depois com inclusão das biografias pesquisadas. Essa etapa foi escolhida por ser algo que atrai a atenção dos alunos, pelo fato de a tecnologia fazer parte de seu cotidiano e pela fácil disseminação de informações. Vale lembrar que ainda está em processo de criação e catalogação de material biográfico, assim como

a busca de parcerias junto à Secretaria de Educação na digitalização de obras e apoio técnico.

Depois de utilizada a sequência didática com a parceria entre Literatura e tecnologia para facilitar a inserção das obras de autores regionais no ensino de Língua Portuguesa, foi possível perceber que os alunos criaram uma maior noção de identidade. Pois as narrativas trabalhadas m consonância com as pesquisas e o engajamento dos alunos, com o devido auxílio do professor, supriram as expectativas iniciais da aprendizagem.

Novas metodologias para o ensino de literatura que aproximem o leitor daquilo que o cerca, devem ser estimuladas e adotadas para que haja uma visão menos distorcida do saber literário. Os textos locais tem muito a oferecer nesse processo de aquisição do conhecimento e na formação de uma identidade, principalmente quando se fala da região sudeste do Pará, com sua história forjada pelas mãos de vários anônimos, que ao longo de todo esse tempo serviram de inspiração para as mais interessantes narrativas, recheadas de heroísmo e poesia, possibilitando o surgimento de uma cultura única com suas lendas, mitos, dialetos e crenças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento acerca da cultura e a identidade do sudeste do Pará, por meio das ações de estudos nas aulas de literatura precisa levar em conta a relevância da abordagem das obras locais no processo de desenvolvimento dos alunos. Isso deve acontecer, sobretudo nas aulas onde a evolução do letramento cultural se faz necessária para que assim os alunos tenham a capacidade de aprender de acordo com a abordagem de suas origens.

Em alguns casos ainda é possível notar a existência de alunos que não se interessam pelas aulas de literatura, onde até mesmo questionam sobre a utilidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula na vida pós-escola, como demonstrado ao longo do texto dessa dissertação. Dessa forma, o incentivo e a abordagem de conteúdos voltados para a exploração da cultura local é uma forma de despertar nos alunos o entendimento acerca de suas origens, pois

esse tipo de conhecimento é levado para a vida, permitindo assim um entendimento maior acerca da sua própria concepção enquanto indivíduo.

A abordagem dos demais conteúdos, tradicionalmente ensinados nas aulas de literatura possuem, evidentemente, a sua importância. Entretanto, é preciso haver a criatividade dos professores acerca da preparação de aulas interessantes que possam despertar nos alunos o desejo de saber mais acerca da sua cultura local.

Com isso, como demostrado, as possibilidades de ensino e planos de abordagem dos conteúdos poderá ocorrer de várias formas, de maneira a promover não apenas o entendimento dos alunos como também a presença e observação da comunidade, em casos onde uma feira cultural de literatura seja desenvolvida pelos alunos, por exemplo. Dessa forma, trabalha-se a divulgação daquilo que o Sudeste do Pará tem de melhor a oferecer aos seus habitantes e o entendimento dos alunos acerca das preciosidades existentes nessa região.

Dessa forma, a literatura e o desenvolvimento de conteúdos propostos nas aulas de língua portuguesa são recursos relevantes no processo de desenvolvimento dos alunos acerca da cultura local. Trata-se ainda de uma maneira eficaz de explorar o material cultural existente nessa localidade a fim de promover o bem-estar cultural e o seu desenvolvimento, levando assim o entendimento e o conhecimento acerca de suas principais nuances. Trata-se, portanto de conhecimento para a vida, cujos alunos poderão passar para as próximas gerações, auxiliando inclusive na manutenção cultural daquilo que é produzido por e para os habitantes do Sudeste do Pará.

Dessa forma, aos profissionais do ensino é concedida essa relevante missão de promover o conhecimento da cultura e identidade dessa região para que assim os alunos estejam inseridos no contexto vivenciado por eles na sociedade onde se desenvolvem, podendo conhecer um pouco mais acerca das suas origens.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf >. Acesso em: 17 fev. 2020..

BRASIL, **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Diário Oficial da União, 20/12/1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Pluralidade Cultural. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental 1998.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2ª reimpressão. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte Ed. UFMG, 2003.

CAGLIARI, Carlos Luiz. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2004.

CARINO, J. **A biografia e sua instrumentalidade educativa.** Educ. Soc. [online]. 1999, vol.20, n.67, pp. 153-182. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf Acesso em 09/03/2020.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: **Revista Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Disponível em:

https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direitoc3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf. Acesso em: 10/10/2020.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 9. Ed,São Paulo: Contexto, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARAIA, Roque de B. **Cultura de conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.,2009.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. – São Paulo: Editora Cortez, 2014.

LIMA, Wagner de Andrade. **A Importância do Regionalismo na Literatura**. 15 de junho de 2015. Disponível em: https://horizonteparalelo.net/a-importancia-do-regionalismo-na literatura.html Acesso em: 17 de fevereiro de 2020.

MATEUS, Maiza Batista de Oliveira; DUARTE. Elaine Cristina. **A contribuição da literatura para a formação cidadã**. São Paulo: Zahar, 2016.

MATTOS, Maria Virgínia Bastos de. **História de Marabá**. 2 ed. revisada e aumentada. Fundação Casa da Cultura de Marabá, 1996.

MOLLICA, M. C. M. **Falta letramento e incluso social.** – São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEIRO, João Brasil. **O castanheiro**. 1 edição, Marabá: Zahar, 2001.

PEREIRA, Tainar de Cássia Santos. Do pensamento evolucionista à noção do conceito de cultura e aculturação. In: **Serviço Social**. UNIFACS, 2012, p. 81-87.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula:** da teoria literária a prática escolar. 2018. Anais do Evento PG Letras. 30 Anos, vol. I (1): 514-527. Disponível em: http://www.pgletras.com.br/Anais30Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf . Acesso em 8 jan. 2020.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TAYASSU, Catitu. **Nas trilhas do letramento entre teoria, prática e formação docente**. Campinas, Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.

TODOROV, Tvzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2009.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. In: **Via Atlântica**, n. 14, dez. 2008. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376 . Acesso em: 10/10/ 2020.

.

ANEXOS

Anexo 1

Aos garimpeiros

Era enorme sacrifício
Levar rancho sem estrada
Assim foi no início
Da famosa Serra Pelada

Multidão de gente a pés
Com remédio e comida
Parecia o povo de Moises
Em busca da terra prometida

O objetivo era um só
A luta era desmedida
O suor lavava rosto e mocotó
Naquela incansável corrida

O povo parecia está louco
Trabalhavam a todo momento
Porém o resultado era pouco
Na condução de alimentos

Sem discórdia e com carinho
Do jeito que trabalha a formiga
Fizeram então o caminho
Daquela gente forte e amiga

Agora os lugares têm nome
Graças aos garimpeiros
Mas que lhe matou a fome
Foram os heróis caminhoneiros

Depois de vários meses

O negócio triplicou
Chegavam à visada serra
Peão macho, fazendeiro e doutor
Atrás do amarelo Brasil
Deixado pelo criador

O levante de barracos
Se via diariamente
Pepita de ouro e Bombril
Se misturando com a gente

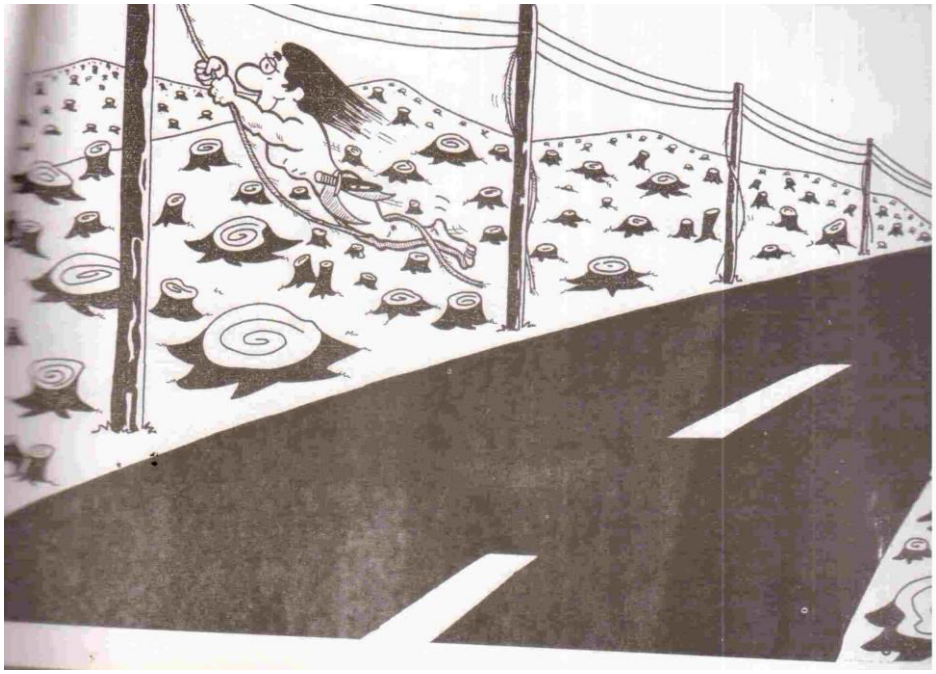
Escadas longas e lisas
Em aclive em cada canto
Barrancos desmoronando
Melechete se espalhando
Para alguns a felicidade
E os outros lastimando

JOÃO BRASIL FILHO

Anexo 2 – Violência na região

Fonte: BRASIL (1999, n.p.)

Anexo 3 – Devastação da Florestas



Fonte: BRASIL (1999, n.p.)

Anexo 4 – Brigas por Terras

Fonte: BRASIL (1999, n.p.)

Anexo 5 – O Povo Suruí

O POVO SURUÍ

Um dos povos aqui encontrados é o Suruí, nome dado pelos brancos, pois eles mesmos se autodenominam Aikewara, que significa simplesmente "Nós". Os Suruí se expressam em um dialeto tupi-guarani.

No século passado, em 1892, esse povo foi visto pelo pesquisador francês Henri Coudreau, próximo à região onde posteriormente seria instalada a cidade de Marabá. Mais tarde, em 1923, um grupo de indígenas Suruí foi avistado nos arredores da cachoeira de Santa Isabel (rio Araguaia), por Frei Antonio Sala.

Crianças Suruí

FOTO: GILSON SOBRI

Nessa época o branco começou a fixar-se na região, passando a ocorrer conflitos com os indígenas. Em certa ocasião, por exemplo, alguns indígenas Suruí, tendo saído para caçar, flecharam animais domésticos criados pelos brancos em uma fazenda. Isso aconteceu porque eles não entendiam que alguém criasse aqueles animais, nem tinham a noção da propriedade particular. Eles não imaginavam que estivessem prejudicando alguém, sendo surpreendidos pela violenta reação dos brancos. Alguns índios foram mortos e os demais se refugiaram no interior da mata.

A busca de castanha fez com que os brancos penetrassem nas matas, atingindo territórios ocupados pelos Suruí, resultando daí novas violências, de parte a parte.

Com tantas agressões, os Suruí tornaram-se arredios, fugindo a qualquer aproximação.

Na década de 1950 o padre marabaense Frei Gil Gomes Leitão, da ordem dos Dominicanos, preocupado com o destino dos indígenas, conseguiu ser aceito pelos Suruí, passando a auxiliá-los e a protegê-los de agressões.

Algumas vezes, aproximações aparentemente inofensivas causavam aos indígenas resultados tão trágicos quanto os ataques e agressões. Em

Fonte: MATTOS (1996, p. 14)

1960, por exemplo, estando Frei Gil ausente da aldeia, ocorreu que um grupo de homens sem escrúpulos aproximou-se dos Suruí, ganhou a confiança deles e convenceu-os a caçar animais selvagens, para lhes fornecer as peles. Com essa atividade, muitos indígenas afastaram-se da vida tribal e dos trabalhos na roça. Além disso, o contato com os brancos provocou um surto de gripe que matou grande parte dos indígenas.

Avisado da tragédia, Frei Gil retornou à aldeia, expulsou os aventureiros e lutou pela sobrevivência e pela restauração da dignidade dos restantes Suruí.

Foi ainda Frei Gil quem conseguiu, através de um decreto presidencial, a interdição da área indígena aos demais moradores da região. Por essa época, fins dos anos 60, a região sofria ocupação acelerada, por parte de pequenos lavradores oriundos de Goiás, Maranhão, Estados do Nordeste e do Leste. Passou a haver maior contato entre indígenas e brancos, com trocas de produtos e pequenos negócios.

Na década de 70 os Suruí foram envolvidos pela movimentação militar, em função da Guerrilha do Araguaia. Quatro índios foram trabalhar como "batedores", ou guias do Exército. A região foi cortada por várias estradas, sendo que uma delas, a OP-2, atravessou o território Suruí no sentido norte-sul.

A população atual dos Suruí é de 180 habitantes, vivendo na Área Indígena Sororó, próximo à Serra das Andorinhas.

Esses indígenas mantém, hoje, boas relações com os habitantes da região.

O MODO DE VIDA DOS SURUÍ

Cada família tem sua roça, onde cultiva dois tipos de mandioca, dois tipos de milho, arroz, algodão, batata, cará, inhame, cana-de-açúcar e vários tipos de banana. Criam gado e galinhas. Apreciam também a carne de caça, realizando caçadas no período de dezembro a maio, época em que há menos trabalho nas roças. Fazem coleta de frutos da floresta: castanhas, cupuaçu, bacaba, cacau-do-mato, abiu, ingá, babaçu, mamão-do-mato, almescão, pequi. No verão utilizam o açaí. Cultivam limão, lima, laranja, manga, goiaba, maracujá, caju.

A atividade agrícola constitui, hoje, tarefa basicamente masculina. As mulheres participam no plantio da mandioca, mas a confecção da farinha é encargo dos homens.

15

Fonte: MATTOS (1996, p. 15)

Anexo 6 - Ouriço de Castanha do Brasil

Fonte: https://semeadordeletras.files.wordpress.com/2010

Anexo 7- Férias sem retorno

Férias sem retorno

Raimundo Gomes dos Santos, o ***Raimundinho****, adolescente 13 anos estudava na cidade de Conceição do Araguaia Pará. Em 1939, deixa aquela cidade para curtir suas férias com seus pais em Marabá. Uma semana depois de sua chegada, seu pai, Pedro Rosa de Souza, como forma de agradar seu filho, convida-o para ir com ele aos castanhais públicos. l*

Na mata, se empolga e corre para todos os lados à procura daquela deliciosa fruta, o que é natural a qualquer adolescente. Lamentavelmente no auge daquela emoção, um ouriço despenda da altura de aproximadamente 40 metros e atinge de raspão sua cabeça, deixando-o inerte sobre a folhagem.

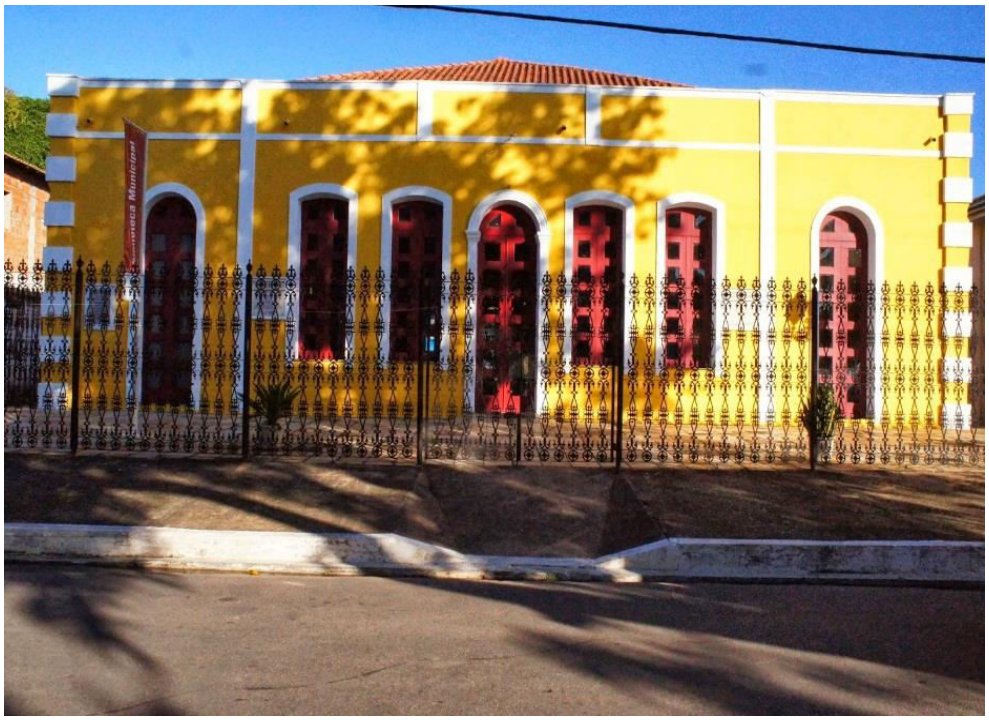
Mesmo inconsciente, sua mãe o leva de barco à capital do Estado visando salvá-lo da morte. Apesar de Deus tê-lo poupado, ficou paraplégico para sempre. Em Marabá, o Bispo prelado, Dom Sebastião Tomaz, ao visitá-lo, oferece-lhe uma cadeira de rodas e concomitantemente o aconselha, a seguir a profissão de educador.

Raimundinho atendendo àquele religioso, passou a aceitar sob o teto de palhas de sua residência a criançada, para ensinar-lhes as primeiras letras, e conseqüentemente a transforma em escola particular, dando-lhe o nome de, ***Atanásio Gomes Leitão****. Com o passar do tempo, já de fato Professor, passou a lecionar pela Municipalidade. Com*

--- 40 ---

Fonte: O castanheiro (2001 p. 40)

Anexo 8 - Biblioteca Municipal



Fonte: marabaturismo.blogspot.com

Anexo 9 - Casa da Cultura

Fonte: Marabá.pa.gov.br